DiverSampa: uma abordagem interdisciplinar da diversidade cultural, sonora, arquitetônica, religiosa e social na cidade de São Paulo

Fernando Lacerda Simões Duarte
Doutorando em Música, UNESP, bolsista CAPES

Paulo Castagna
Departamento de Música, UNESP

DUARTE, Fernando Lacerda Simões; CASTAGNA, Paulo. DiverSampa: uma abordagem interdisciplinar da diversidade cultural, sonora, arquitetônica, religiosa e social na cidade de São Paulo. I ENCONTRO BRASILEIRO DE PESQUISA EM CULTURA, São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP-Leste), 1 a 3 de setembro de 2013. *Anais*. São Paulo: PPG estudos Culturais EACH-USP-Leste, 2013. DVD ROM. p.1-12.

Resumo: Este trabalho aborda a criação, características, resultados e perspectivas do projeto DiverSampa, que envolve a caminhada e observação de aspectos da cidade de São Paulo. Voltado principalmente aos alunos de graduação em Música – bacharelado e licenciatura da UNESP –, o DiverSampa teve como objetivo ver, ouvir e refletir sobre a complexidade e diversidade cultural, religiosa, sonora, histórica, social e arquitetônica da região central da cidade de São Paulo. O projeto buscou integrar, por meio de palestras de pesquisadores de três universidades, temas relacionados ao patrimônio cultural, arquitetônico e ecológico da cidade.

Palavras-chave: Cidade de São Paulo. Patrimônio Cultural. Meio Ambiente. Caminhada. Diversidade. Complexidade.

Introdução

Caminhar pela metrópole paulistana permite ao observador mais atento perceber, inicialmente, a justaposição de diversos estilos arquitetônicos de diferentes épocas. Ao lado de edifícios marcantes de um estilo *Belle Époque*, despontam altas torres tipicamente industriais, além de prédios que poderiam ser vistos como pós-industriais e algumas raras edificações coloniais, mesmo que restauradas ou reconstruídas. Esta interessante justaposição nos leva ao questionamento da noção de que os estilos mais antigos geralmente desaparecem quando superados por outros mais modernos. Revela-se, então, a complexidade arquitetônica da capital, que, mais do que a simples soma de edifícios, casas e igrejas, permite que se estabeleçam ligações entre eles, revelando o quão ilusória é a separatividade histórica.

De modo semelhante, a separação geográfica pode ser questionada ao se observar a história da cidade. Se Caetano Veloso (2002) já cantava, em sua música *Rock'n Raul*, que "a verdadeira Bahia é o Rio Grande do Sul", ao se olhar para o paulistano até meados do século

XIX, tal como na conhecida ilustração de Edouardt Hildebrandt (1844), nos deparamos com a cena de homens de chapeus, ponchos e botas, e mulheres com mantilhas (vestes que cobriam grande parte do corpo) parecidas com as burcas usadas em algumas regiões islâmicas. No presente, traços culturais das mais diversas procedências se fundem neste caldeirão de pluralidade, ora com maior identidade, ora mais diluídos.

Os sons da cidade não poderiam ser diferentes: enquanto um verdadeiro templo ao rock figura no Largo Paiçandu (a Galeria do Rock), a poucos quarteirões estão o Teatro Municipal e a Sala São Paulo, que no panteão estilístico-musical elegeram a música sinfônica como seu objeto de veneração. Enquanto isto, se a caminhada for feita em sentido oposto, ouve-se canto gregoriano no Mosteiro de São Bento, cujas calçadas abrigam, aos domingos, músicos representantes da cultura caipira. Distante algumas estações de metrô, outra manifestação sonora medieval é executada dominicalmente, o canto bizantino de características médio-orientais, na Catedral Ortodoxa Antioquina e na Eparquia Greco-Melquita, ambas no Paraíso. Ainda poderiam ser citadas as tribos urbanas, como punks, góticos, headbangers, grunges, anarcopunks, emos, sertanejos, sambistas, pagodeiros, frequentadores de baladas que tocam música eletrônica, funk e tantos outros grupos que estabelecem suas conexões com base em específicos estilos musicais e mesmo em estilos de vida.

As crenças mais diversas despontam na cidade em igrejas, templos, lojas, cemitérios e até mesmo nas ruas: leitores de mãos, búzios e cartas, igrejas evangélicas pentecostais, neo-pentecostais, reformadas, católicas ortodoxas, lojas maçônicas, círculos esotéricos, casas de umbanda e candomblé, centros espíritas, sinagogas e mesquitas são alguns dos exemplos da diversidade religiosa paulistana.

As diferenças também podem ser percebidas no aspecto sócio-econômico de seus habitantes: donos de carros de luxo estacionam seus veículos em frente aos moradores de rua e os cidadãos de classe média diariamente avistam prédios ocupados por movimentos de sem-teto.

Além das citadas, outros tantos aspectos desta realidade multifacetada poderiam ser referidos: etnias, naturalidade geográfica, sexualidade e profissões, dentre outros. A realidade gera, portanto, um conflito com os livros e manuais acadêmicos: diante de um universo plural, os períodos históricos, estilos arquitetônicos, artísticos e musicais e até mesmo as culturas muitas vezes são abordadas em categorias separadas entre si. Como então explicar esta inconsistência das teorias face à realidade e como superá-la? A primeira questão poderia ser

respondida quando se pensa que separar e isolar elementos da realidade é um recurso didático que visa facilitar sua compreensão. Contudo, esta resposta não alcança a origem deste pensamento, que tende a estudar o todo, enquanto simples somatória de suas partes. Tal origem nos remete a René Descartes (1596-1650) e os teóricos que o sucederam. Estes pensadores procuraram analisar seus objetos e alcançar a verdade por meio da redução ou da fragmentação dos mesmos, para somente depois reagrupar suas partes. Na simplicidade de cada parte parecia residir as provas indubitáveis que garantiam as conclusões desse pensamento.

Como alternativa ao pensamento cartesiano, a realidade pode ser apreendida a partir da ideia de complexidade,

> um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar...
>
> A dificuldade do pensamento complexo é que ele deve enfrentar o emaranhado (o jogo infinito de inter-retroações), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição (MORIN, 2011, p.13-14).

Diante da complexidade da teia de relações entre as partes, algumas ferramentas podem colaborar com sua compreensão. Duas delas começam a despontar nos trabalhos acadêmicos da área dos autores deste trabalho, a música: as teorias das redes (BARAN, 1964) e dos sistemas (KUNZLER, 2004). A teoria dos sistemas procura enfocar as conexões que se estabelecem entre as partes, ao passo que a teoria dos sistemas aborda o conjunto de conexões, selecionando da realidade um determinado grupo social ou instituição. Esta última já se revelou passível de aplicação, por exemplo, no estudo da história da música (DUARTE, 2011).

Partindo de uma visão de mundo norteada pela complexidade, o problema nos parece ser: como superar a visão linear de mundo, na qual escolas de pensamento e estilos artísticos se sucedem, pessoas se separam por suas características particulares (religiosas, sexuais, sócio-econômicas etc), e transitar para uma nova visão, audição – ferramenta fundamental para os músicos que constitui uma rica fonte de conhecimento (ATTALI, 2001) – e reflexão sobre a diversidade? A solução adotada visa conectar os sentidos dos participantes com essa

realidade, para estimular a reflexão acerca da teia de fenômenos que determina essa mesma realidade.

Deste modo, o DiverSampa buscou ir além de uma simples caminhada pela cidade de São Paulo, evidenciando e questionando a visão separatista e todos os pré-conceitos que tende a gerar. Alguns resultados estão apresentados no item *Contribuições para um novo olhar e um novo ouvir*.

1. Organização do projeto

O DiverSampa surgiu inspirado inicialmente pela caminhada realizada pelo prof. dr. Eduardo Yázigi (PPG-Geografia Humana, FFLCH-USP) com os discentes de sua disciplina *Criatividade científica: na academia e sistemas de governo*, cursada no segundo semestre 2012 pelos autores do presente texto. Nesta caminhada, Yázigi propôs aos discentes que encontrassem problemas (urbanísticos, sociais etc) e propusessem, por meio de um projeto de pesquisa, alguma solução. O olhar voltado para a solução de problemas foi adotado e amplamente estimulado na realização do DiverSampa, uma vez que em cursos de música geralmente os discursos propositivos *a priori* se sobrepõem a esta abordagem inerente a outras ciências (inclusive humanas).

Também inspirou este projeto o *Caminho de Abraão* (*Abraham's Path*), do qual o segundo autor desta comunicação participou no Oriente Médio, em 2011. Tal projeto procura estimular a convivência pacífica de praticantes dos três grandes monoteísmos (Judaísmo, Islamismo e Cristianismo) nessa região. O incentivo à diversidade em uma região na qual os fundamentalismos e a intolerância têm gerado, há séculos, disputas armadas, foi determinante para a abordagem da diversidade religiosa observada no trajeto do DiverSampa.

A partir de tais inspirações, surgiu o interesse em caminhar com esse tipo de visão pelo centro da cidade. Percebemos a existência de uma acentuada diversidade religiosa, manifesta em uma grande quantidade de templos instalados na cidade. Sem dúvida, o centro de São Paulo concentra de modo mais intenso esta diversidade, o que determinou a escolha desta região para o primeiro trajeto, que se estendeu do bairro Paraíso ao bairro da Luz, entre as 8:00 e as 17:00 horas do domingo 7 de abril de 2013. Contudo, não observamos somente a pluralidade de religiões, mas também de estilos arquitetônicos, instituições, sons e, principalmente, pessoas. Para abordar de forma eficiente a pluralidade e estimular mudanças na compreensão da cidade pelos participantes, o DiverSampa teve como objetivos: 1.

compreender a cidade como múltipla e complexa em todos os seus aspectos; 2. compreender-se como integrado(a) ou não-separado(a) da complexidade histórica, social, cultural e urbanística da cidade; 3. compreender as ações urbanas (e a falta delas) pela ótica da solução de problemas; 4. exercitar a identificação de problemas e a proposição de soluções, a partir das áreas e experiências de cada um; 5. exercitar uma postura não-invasiva em relação às pessoas, locais e instituições visitadas.

Uma vez claros o trajeto e as intenções do projeto, a fase seguinte foi a divulgação, realizada por meio de folders e no blog do autor (DIVERSAMPA | PAULO CASTAGNA, 2013) e do grupo de pesquisa NOMADH – Núcleo de Musicologia e Desenvolvimento Humano do qual participamos. Colaboraram ainda com a divulgação a Assessoria de Imprensa da UNESP, redes sociais como o Facebook e até mesmo *sites* que reproduziram as informações divulgadas, criando deste modo uma rede razoavelmente ampla de informação.

O passeio contemplou pequenas palestras de especialistas em diversas áreas do conhecimento, mas privilegiando a música em razão do público-alvo. Além das palestras, foram realizadas ainda apresentações musicais em igrejas e no trem do metrô, com o objetivo de que os participantes interagissem e se sentissem parte da diversidade sonora da cidade. Para facilitar a participação de pessoas que não estivessem ligadas diretamente ao Instituto de Artes da UNESP, as partituras foram disponibilizadas *online*, e uma gravação das obras pelos discentes do curso de música foi enviada aos interessados que fizeram contato prévio por e-mail. Além destas atividades, o almoço reuniu os participantes e favoreceu o estreitamento de relações entre eles.

Para o bom funcionamento da caminhada, o grupo contou ainda com o apoio dos membros do grupo de pesquisa NOMADH e com o registro em fotografia, áudio e vídeo, por parte da Assessoria de Imprensa da UNESP (D'AMBROSIO, 2013). Além disso, os participantes do grupo de pesquisa tiveram a oportunidade de apresentar parte de suas pesquisas durante o passeio, na medida em que estas estavam relacionadas a determinados pontos visitados.

2. Uma proposta interdisciplinar

Uma vez que o projeto foi inicialmente dirigido aos bacharelandos e licenciandos em música da UNESP, foram convidados pesquisadores de outras universidades para evitar o caráter meramente interno do projeto. Deste modo, mais do que afirmar a iniciativa de uma

universidade, a participação de pesquisadores da USP, UNESP e UDESC ajudou a demonstrar que a finalidade cultural se sobrepõe a cada uma das instituições envolvidas. A diversidade também se fez notar pelo nível de formação dos expositores: doutores, mestres, graduados e graduandos, o que deixou evidente que o nível de formação não era mais importante do que o conhecimento em temas específicos.

Em parte pela formação e contatos de seus organizadores e em parte pelo objetivo de abordar a diversidade, ficou claro desde o início que uma abordagem disciplinar voltada à música não seria suficiente. Assim, foram apresentadas palestras, exposições e apontamentos sobre música, arquitetura, ecologia, religião e história. Dentre os temas abordados, estiveram: 1) o patrimônio arquitetônico da cidade em três principais momentos: colonial, *belle époque* e industrial; 2) o patrimônio ambiental da cidade (fauna, flora, espécies invasoras, projetos paisagísticos e delimitação de parques); 3) música e educação jesuítica; 4) restauração musical católica no século XX; 5) abordagens sucintas da história dos templos religiosos e suas crenças; 6) conceitos e pré-conceitos relativos às orquestras de São Paulo; 7) Carlos Gomes: mito, homem e herói; 8) autocompreensões do catolicismo por meio de imagens sacras; 9) os mestres-de-capela da Catedral de São Paulo; 10) história da cidade a partir da observação da maquete da colina paulistana no Museu Anchieta; 11) a sonorização museológica do Solar da Marquesa de Santos, com a autora deste projeto. Nestas explicações os participantes puderam intervir com questões, observações e visões pessoais acerca do tema.

O projeto integrou a atividade de pesquisa de seus organizadores – pesquisa e interpretação da história da música – e até mesmo um ramo mais tradicional da musicologia, o trabalho com fontes: foram editadas composições brasileiras dos séculos XVIII e XX para o grupo cantar nas igrejas, colocando em prática conhecimentos técnicos específicos por parte dos regentes e do instrumentista.

A diversidade sócio-econômica foi não apenas abordada, mas sentida pelos participantes, ao atravessarem a rua Santa Ifigênia rumo à rua General Osório. Neste trajeto foi possível se deparar com pessoas em situação de rua e mesmo com usuários de entorpecentes. Além deste fato, a aproximação de um morador de rua pedindo para ser fotografado causou as mais diversas reações no grupo.

Diante das explicações, palestras e experimentações da realidade, esteve como pano de fundo o desafio de que o grupo observasse a cidade pelo referencial problema-solução, indagando principalmente como sua área de atuação poderia oferecer soluções para os problemas observados.

3. O DiverSampa em números

O DiverSampa surgiu como uma proposta interna, para os alunos do Instituto de Artes da UNESP, mas logo se expandiu para além dos muros da universidade. Foram impressos 200 folders para a divulgação (projetados pelo organizador xxx), disponibilizado em dois *sites*, um do idealizador do projeto, professor Paulo Castagna e outro do grupo de pesquisa NOMADH (2013). Destes surgiram mais dez *links* entre redes sociais, *sites* da universidade e páginas relacionadas ao turismo em São Paulo. A página pessoal do professor Paulo Castagna, primeira a abrigar a descrição do projeto teve, na noite que antecedeu o passeio, mais de 400 acessos e, até o presente, mais de 700 acessos. Além da Assessoria de Imprensa da universidade, surgiu ainda a possibilidade de divulgação em uma rede de televisão aberta, em um programa de abrangência estadual (recusada em razão da repercussão que poderia gerar e, consequentemente, pela adesão de um número excessivo de participantes que inviabilizasse a realização do projeto.

Na realização da caminhada estiveram presentes mais de setenta participantes, além de sete encarregados pelo seu acolhimento e apoio (todos membros do NOMADH). Ao longo de aproximadamente oito quilômetros caminhados durante cerca de nove horas, foram realizadas três intervenções musicais, seis palestras e avistados ou visitados, com comentários do coordenador do projeto, cerca de cinqüenta pontos principais, dos quais dois parques, dois museus, dezenove templos religiosos e sete instituições onde há práticas musicais regulares de cunho não-religioso. Como preparação para o roteiro, foram realizadas aulas expositivas e ensaios com duração de duas horas em quatro turmas de graduação e na reunião do grupo de pesquisa que trabalhou para a realização do evento. Foram escolhidas e editadas quatro composições musicais e destas distribuídas setenta cópias (número que se mostrou insuficente quando o coro dos participantes se reuniu para cantar na Catedral Metropolitana de São Paulo, de modo que alguns participantes compartilharam suas partituras).

Finalmente, do ponto de vista financeiro, os participantes não tiveram gastos com inscrição no evento, mais três reais para um deslocamento por transporte urbano, três reais (opcionais) para a entrada no Museu Anchieta e gastos individuais com alimentação no bairro da Liberdade (também opcionais, uma vez que poderiam levar lanche), estimados entre quinze a trinta reais. Com a divulgação do evento, os gastos foram irrisórios, uma vez que a universidade disponibiliza aos seus docentes uma cota para a realização de impressões. Na realização da primeira caminhada deste projeto, pouco dispendioso e de grande adesão por parte dos participantes, pode-se constatar que alguns dos objetivos propostos foram

alcançados e outros poderão ser melhor organizados para o futuro, como se pode observar nos dois itens que seguem.

4. Contribuições para um novo olhar e um novo ouvir

O projeto parece ter contribuído para um novo olhar e um novo ouvir da cidade por parte de seus participantes, um olhar mais atento (diferente daquele cotidiano em que se cruza as ruas e avenidas apenas para atingir os destinos pré-estabelecidos) e um ouvir mais democrático, livre de pré-conceitos que condicionam a prática musical na academia.

Outro objetivo, em grande parte alcançado pelo grupo, diz respeito à abordagem do 'outro' de forma não-invasiva. Em regiões que eventualmente poderiam ser vistas como arriscadas à integridade física, em razão da alta concentração de pessoas em situação de rua – como a já referida rua Santa Ifigênia –, os participantes consideraram as pessoas que ali se encontravam como pessoas e não como objetos. Deste modo, não se observou entre os participantes olhares ou atitudes de repulsa, medo ou mesmo chacotas com as pessoas, mas um tratamento digno que procurou respeitar a opção – ou sua falta – daqueles que se encontravam em situação de rua.

A pluralidade de crenças não somente foi observada, mas também vivida pelos participantes, que independentemente de suas próprias convicções, tiveram a oportunidade de adentrar templos ou observar crenças distintas das suas, como no Viaduto do Chá, onde encontramos leitoras de cartas e búzios.

No cotidiano dos músicos denominados ou autodenominados clássicos, eruditos ou 'de concerto', ainda hoje se mantém um discurso fortemente marcado por uma prática do século XIX: a morigeração cultural (ANZE, CARLINI, 2009). Este fenômeno foi comum nas principais capitais brasileiras e, dialogando diretamente com as ideias higienistas e da *Belle Époque*, que visavam separar classes sociais, procurava instalar a "alta cultura" em meio à sociedade burguesa, por meio da ópera e da música sinfônica, discurso que ainda hoje se observa nos currículos acadêmicos da área de música.

O discurso acima foi rompido durante o trajeto, especificamente no Largo São Bento, quando os participantes do DiverSampa se depararam com um grupo de músicos praticantes da música caipira. Note-se que a própria adjetivação 'caipira' já carrega consigo um preconceito, expressa tanto na descrição do francês Saint Hilaire, na *Viagem à Província de São Paulo (1816-1822)*, como "indolentes e tomados pela preguiça", quanto no clássico

personagem Jeca Tatu de *Urupês*, de Monteiro Lobato. Confrontado com a música caipira, o grupo se deteve, ouviu e, ao final, aplaudiu os músicos.

A partir do olhar lançado para a história da cidade, o grupo pode perceber a existência de lacunas na historiografia e o uso de *mitos fundadores* (CHAUÍ, 2000) ou mitos de origem, para manter a ordem social. Esta visão mais crítica, que permite ao participante "a tomada de consciência da construção do fato histórico, da não-inocência do documento, lançou uma luz reveladora sobre os processos de manipulação que se manifestam em todos os níveis da constituição do saber histórico" (LE GOFF, 1990, p.11).

Finalmente, na semana que se seguiu ao evento, foram feitas duas perguntas em todas as classes do Instituto de Artes da UNESP nas quais reencontramos uma parte significativa de alunos que estiveram na caminhada: "você viu algo que nunca havia visto em lugares nos quais já havia passado?" e "você viu de maneira diferente algo que já havia visto anteriormente?" A quase totalidade dos participantes afirmou ter se deparado com edifícios, situações, estilos, sons, religiões e historias desconhecidas em lugares que já haviam frequentado e que passaram a ver e ouvir a cidade de modo diferente. Vários deles manifestaram o interesse em voltar aos lugares visitados e outros em levar seus próprios alunos a passeios semelhantes.

Considerações finais: aprendizado e perspectivas

Certamente, o passeio revelou aspectos positivos para os participantes e organizadores, mas determinados aspectos passíveis de correção também foram observados e têm sido discutidos conjuntamente a partir do referencial problema-solução pelos participantes do grupo de pesquisa.

Dentre os principais aspectos a serem melhorados e as respectivas propostas de solução estão:

1. Duração do evento para cinco a seis horas e a respectiva diminuição do trajeto: As extremidades do primeiro roteiro serão transferidas para novos roteiros, o que evitará o cansaço dos participantes, a pressa durante a caminhada e as palestras dos convidados;

2. Sistema de inscrição, explicação do projeto e prévio pagamento das taxas de museus: facilitará a aprendizagem das músicas por aqueles que não lêem partitura, melhor compreensão do projeto e racionalização do uso do tempo nos museus;

3. Elaboração de certificados: não apenas para que os participantes tenham uma recordação do evento, mas também para que os alunos o utilizem no cômputo de carga horária de atividades complementares;

4. Divulgação permanente das atividades do grupo de pesquisa em uma página de rede social para que os interessados no trajeto saibam quando serão os eventos, inscrições, aulas expositivas etc;

5. Evitar cantar obras corais dentro dos trens do metrô: o ambiente não é favorável devido aos ruídos e alguns participantes perceberam que a prática foi excessivamente invasiva;

6. Contato prévio com órgãos da segurança pública e sistema público de saúde para o caso de imprevistos envolvendo os participantes;

7. Identificação dos participantes e do *staff*: uso de coletes para os membros que auxiliam na realização e de adesivos para que os participantes possam ser identificados visualmente.

São perspectivas para o DiverSampa:

1) Prosseguir a realização das caminhadas;

2) Propiciar maior abertura à comunidade externa;

3) Integrar novos pesquisadores e novos temas para as palestras;

4) Desenvolver novos roteiros. Neste item, já estamos discutindo um roteiro Bresser-Pari-Brás e um trajeto pelos principais parques da cidade, contemplando um público-alvo de biólogos e músicos. Projetamos ainda os roteiros Armênia-Bom Retiro-Luz e Paulista e outros mais, para os próximos semestres.

5) Garantir maior participação do público externo à universidade e maior integração deste com os discentes universitários convertendo o DiverSampa em um projeto permanente de extensão universitária e não apenas em ações extensionistas isoladas.

Finalmente, pode-se dizer que os resultados observados no primeiro passeio de 7 de abril de 2013 mostraram-se satisfatórios dentro dos objetivos propostos, tanto para os organizadores e equipe de realização, quanto para os participantes, estimulando assim a criação de novas ações nesta linha de abordagem relacionada à pluralidade e à complexidade.

Referências bibliográficas

ANZE, Melissa; CARLINI, Álvaro. Morigeração Cultural em Curitiba (PR), Século XX: O papel das sociedades artísticas na formação do gosto em música erudita. In: Congresso da ANPPOM, 19., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: ANPPOM, 2009. p.261-264.

ATTALI, Jacques. Listening. In: *Noise – the Political Economy of Music*. Minnesota/London: University of Minnesota Press, 2001, p.2-20.

BARAN, Paul. On distributed communications: I. Introduction to distributed communications networks. *Memorandum RM-3420-PR*, Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964; Disponível em: <http://www.rand.org/pubs/research_memoranda/2006/RM3420.pdf>. Acesso em 21 out. 2012.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: *Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

D'AMBROSIO, Oscar. Espaço da diversidade: Caminhada pela região central de São Paulo revela símbolos de sua complexa formação. *Jornal UNESP*, n.288, p.16, 2013. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci_ses/jornalunesp/acervo/288/pag16>. Acesso em 11 mai. 2013.

DIVERSAMPA | PAULO CASTAGNA. *Diversampa*: Um passeio pela diversidade sonora, cultural, histórica, religiosa e urbanística da região central de São Paulo. 2013. Disponível em: <http://paulocastagna.com/diversampa/>. Acesso em 5 abr. 2013.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A teoria dos sistemas autopoiéticos de Niklas Luhmann como ferramenta para a compreensão da história da música litúrgica católica. In: Congresso da ANPPOM, 21., 2011, Uberlândia. *Anais…* Uberlândia: ANPPOM, 2011. p.959-965.

______. Música litúrgica, pessoas e instituições: Possíveis desdobramentos do conceito de Modelo pré-composicional. In: Congresso da ANPPOM, 22., 2012, João Pessoa. *Anais…* João Pessoa: ANPPOM, 2012. p.1349-1356.

GAETA, Maria Aparecida J. V. A cultura clerical e a folia popular: Estudo sobre o catolicismo brasileio nos finais de século XIX e início do Século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 17., 34., p.183-202, 1997.

KUNZLER, Caroline de Morais. A Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann. *Estudos de Sociologia*, n. 16. São Paulo: FCLAR, UNESP, 2004. p. 123-136. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/frame_anita.htm?id=soc>. Acesso em 3 out. 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 4. ed., Porto Alegre: Sulina, 2011.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta & NEVES, Fabrício Monteiro. O que há de complexo no mundo complexo? Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais. *Sociologias*, Porto Alegre, n.15., p.182-207, 2006.

NOMADH. Núcleo de Musicologia e Desenvolvimento Humano. *DiverSampa*. 2013. Disponível em: <http://nomadh.com/diversampa/>. Acesso em: 6 abr. 2013.

VELOSO, Caetano. Rock'n Raul. *Noites do Norte Ao Vivo*. CD 16527. Universal Music, 2002. fx.15.